

# O planejamento das ações da escola na perspectiva da construção da cidadania

Mariane Rodrigues Branco\*

Arnaldo Nogaro\*\*

## Resumo

Neste artigo tem-se por finalidade refletir sobre a importância do planejamento escolar, ao mostrar conceitos, as diferentes formas de se planejar e a necessidade do planejamento participativo para a escola. Buscou-se embasamento teórico em obras de grandes autores, dos quais se podem citar Vasconcellos, Gandin, Padilha, entre outros, de suma importância à pesquisa educacional. No texto aborda-se, em primeira instância, o planejamento nas escolas e como é utilizado na atualidade, visando apresentar a importância do gestor educador. Em segundo momento, apresentam-se os conceitos de planejamento, na visão de diferentes autores, e as formas de sua existência no espaço escolar. Faz-se uma breve retomada histórica sobre as origens do planejamento; na sequência, abordam-se o planejamento e a cidadania, explicita-se a importância de associar escola e sociedade ao trabalhar a partir da realidade dos educandos e das melhorias em suas vidas, tanto escolar quanto familiar e social. Fica a reflexão sobre a necessidade de se planejar no espaço escolar para uma melhor organização e estruturação dos educadores, desenvolvendo, dessa forma, uma educação igualitária e justa para todos, formando cidadãos justos e honestos.

Palavras-chave: Planejamento. Gestor educador. Cidadania.

---

\* Licenciada em Pedagogia pela URI *Campus* de Erechim, RS.

\*\* Doutor em Educação pela UFRGS; Mestre em Antropologia Filosófica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; professor da URI *Campus* de Erechim; RS, Avenida Sete de Setembro, 1621, Centro, 99700-000, Erechim, RS; narnaldo@uri.com.br

## 1 INTRODUÇÃO

A elaboração que apresentamos tem a intenção de aprofundar e conhecer mais sobre a importância do planejamento escolar e como este acontece no dia a dia das escolas. Este nasce do desafio e do questionamento de como contribuir para a construção da cidadania por meio do planejamento das atividades da escola. A intenção é investigar a possibilidade do planejamento das ações educativas ser um diferencial à construção da cidadania dos sujeitos. A leitura da realidade das escolas e suas práticas permite que constatem vários questionamentos existentes sobre o planejamento escolar, sua necessidade e desenvolvimento no ambiente educacional.

Acreditamos que é por meio da educação que contribuimos para diminuir a grande desigualdade social que vivenciamos, podendo dar melhores condições de vida a todos os cidadãos. Para buscarmos essa educação, refletimos sobre um dos pontos fundamentais: planejamento escolar, organização dos educadores e coordenadores de escolas, a forma como estes irão planejar seu andamento e os meios que irão usar para a criação desse planejamento. Isso porque quando planejamos algo de acordo com as necessidades das pessoas envolvidas, procuramos sanar e trazer soluções aos problemas, podendo, dessa forma, mudar para melhor as condições de vida de muitas pessoas.

## 2 CENÁRIO DA ESCOLA NA ATUALIDADE

As escolas são instituições, com o objetivo de formar cidadãos, oferecendo-lhes condições de ter uma vida com dignidade, ensinando-os a ler, interpretar, desenvolver sua afetividade, o raciocínio, a lógica; enfim, preparar as pessoas para assumirem seus futuros papéis na sociedade, em todos os seus setores, sendo os responsáveis pelo desenvolvimento socioeconômico e cultural do país.

Por essa lógica, deparamo-nos com a necessidade de estudar o planejamento escolar, pois, ao analisar a organização das escolas, no planejamento em si, encontramos várias realidades. As escolas são diferentes, os profissionais que trabalham têm pensamentos e formas diferenciadas de trabalhar. Nada impede que tenham sua identidade, mas o que precisamos encontrar em todas as escolas

é um planejamento, com a participação de todos, e que este aconteça dentro da escola durante o ano, conforme for programado, analisando teoria e prática.

Todo planejamento escolar é regulamentado por normas e padrões que são trabalhados para uniformizar os procedimentos a ser adotados; no entanto, a literatura apresenta exemplos de várias escolas com planejamento que não se efetiva, que não passa de um mero documento que são obrigadas a fazer. Muitas vezes, quem sabe do conteúdo desse planejamento é somente o educador responsável pela sua elaboração e os demais educadores que estão ativos em sala de aula desconhecem seu conteúdo.

Por outro lado, há estudos que registram escolas com excelentes planejamentos, com a participação de todos os membros da escola, considerando a realidade dos educandos. Diante disso, perguntamo-nos: por que há tanta discrepância de uma escola para outra? Para entender isso, é preciso observar quem está na liderança do planejamento, qual a sua formação, entender sua motivação para o desenvolvimento deste. O ideal é que o trabalho realizado pelo educador seja elaborado por pessoas com visão inovadora, que busquem trabalhar a realidade dos educandos, da escola e juntem nesse contexto pais e comunidade, pois, como afirma Moran (2007, p. 25), o papel das lideranças educacionais passa a ser vital:

O diretor. Um homem dinâmico, acolhedor, que conversa com professores e alunos, atrai pessoas da comunidade para apoiar a escola. Não tem grandes recursos, tem pessoas motivadas, unidas pela sua amizade e carisma. Um bom gestor muda uma escola.

Essa ideia permite-nos perceber que as diferenças no ambiente escolar acontecem em virtude de como a escola é administrada, não importando as condições ou espaço, simplesmente o trabalho que se inicia com a equipe que administra a escola. Isso leva-nos a pensar na função do gestor.

Quando encontramos na escola um gestor que analisa os educandos, sua realidade, a comunidade onde a escola está inserida e quais os problemas que existem nesse meio, estamos certos de que a escola terá um bom planejamento. Esse gestor busca partir da realidade de seus educandos para realizar um bom planejamento e chegar ao final do ano letivo com resultados positivos, crian-

do condições para motivar o restante dos educadores da escola para batalharem todos pela mesma causa, em busca dos mesmos objetivos, a fim de realizar um processo de ensino-aprendizagem rico, cheio de realizações, gerando uma sinergia educativa.

Uma escola que prepare os professores para um ensino focado na aprendizagem viva, criativa, experimentadora, presencial, virtual, com professores menos “falantes”, mas orientadores, que ajudem a aprender fazendo, com menos aulas informativas e mais atividades de pesquisa, experimentação, projetos, com professores que desenvolvam situações instigantes, desafios, soluções de problemas, jogos. (MORAN, 2007, p. 26).

E quem seria esse gestor educador dentro do ambiente escolar? Primeiramente, é o diretor, depois sua equipe administrativa, formada pelo vice-diretor e coordenador pedagógico. Este último é um educador de grande importância no ambiente escolar, que pode desenvolver grandes e importantes atividades escolares.

Agora, facilita a compreensão da pergunta feita no início deste texto: por que encontramos grandes diferenças de planejamento entre uma escola e outra? Essa diferença está na maneira em que o gestor educador da escola encaminha seu planejamento com o restante dos educadores, educandos, pais e comunidade. Gestores acomodados, desmotivados e sem uma visão inovadora incentivam educadores à desmotivação, realizam uma educação sem grandes descobertas e fazem com que os educandos não se interessem pela pesquisa e busca de novos conhecimentos.

Ao lermos depoimentos de educadores<sup>1</sup> ficamos perplexos, pois constatamos educadores descompromissados ou que veem o planejamento como um documento sem sentido. Por que essa indiferença em relação ao planejamento? A cada ano saem das casas de formação educadores cheios de ideias e preparados para uma educação inovadora, cheia de mudanças e conquistas. Contudo, são poucos os que conseguem realizar seus ideais. Deparam-se com as dificuldades das escolas e acabam entrando na “rotina” em razão dos baixos salários e da falta de recursos nas escolas, ou sentem pouco incentivo por parte dos professores que estão há mais tempo e pararam de lutar pela causa educacional. Uma das

consequências é o isolamento em relação aos pais e à comunidade, por não se interessar pela realidade que os educandos vivem.

Perante essas evidências, precisamos, como educadores conscientes, batalhar pela educação humanizadora e busca do planejamento escolar, pela organização e crescimento das escolas. De acordo com Vasconcellos (1999, p. 14):

Nosso desejo é que a escola cumpra um papel social de humanização e emancipação, onde o aluno possa desabrochar, crescer como pessoa e como cidadão, e onde o professor tenha um trabalho menos alienado e alienante, que possa repensar sua prática, refletir sobre ela, ressignificá-la e buscar novas alternativas. Para isto entendemos que o planejamento é um excelente caminho.

Nesse aspecto, outro ponto importante a ser elaborado e estudado dentro do planejamento é a forma de avaliação existente na escola. Se o planejamento está voltado à realidade dos educandos, com uma visão inovadora e participativa, as formas de avaliação utilizadas devem acompanhá-lo.

Não podemos pensar que avaliação se restrinja à avaliação da aprendizagem escolar. Desde o momento em que o gestor educador, com seu corpo escolar, elabora o planejamento da escola, precisa criar formas construtivas de avaliação, tanto daquilo que irá utilizar em sala de aula quanto avaliação da escola em si (institucional), da direção, funcionários e, principalmente, elaborar uma forma de autoavaliação, na qual os educandos analisem e demonstrem o seu desempenho, ao colocar seu ponto de vista a respeito do educador e da escola. Avaliar é a garantia que temos sobre a ação das atividades; isso permite que seja possível conhecer os sujeitos envolvidos na prática e no momento de replanejar, saber e entender quais serão os pontos de mudança e o que precisa ser aprimorado para continuar proporcionando resultados positivos.

Segundo Perrenoud (2001), confirmamos a visão de que a avaliação precisa ser muito bem pensada pelos educadores no momento do planejamento; não é válido elaborar um planejamento voltado à realidade dos alunos, com a participação e envolvimento de todos, se no momento de buscar os resultados deste pecarmos pela forma de avaliar. Se não nos envolvemos com cada educando para perceber e valorizar o que cada um aprendeu no decorrer do ano letivo, deixamos de respeitar o que cada um pode manifestar ou construir.

Planejar já não é algo nada fácil, mas mostrar os resultados desse planejamento é mais complicado ainda, pois precisamos ter muita certeza de nosso trabalho e segurança no que planejamos para poder mostrar com eficácia quais foram os resultados desse planejamento, e a avaliação é a forma mais clara e transparente de expor o que foi programado.

Precisamos pensar um pouco do porquê de toda a resistência por parte de muitos educadores em trabalhar com um planejamento. Esse quadro deixa-nos pouco otimistas quanto ao futuro de nossa humanidade, isso porque ainda acreditamos na educação como uma das formas propulsoras do futuro de um povo. O que podemos deixar de mais precioso para nossas crianças é uma educação que emancipe e comprometa com as novas gerações.

### **3 O PLANEJAMENTO E OS ELEMENTOS ESSENCIAIS DA PRÁTICA EDUCATIVA E DA ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA**

O que é o planejamento? Em que consiste a atividade de planejar? Por que ele é necessário? Traremos o pensamento de alguns autores que refletem isso, a fim de elucidar essas questões. Na concepção de Libâneo (2001, p. 123):

O planejamento consiste numa atividade de previsão da ação a ser realizada, implicando definições de necessidades a atender, objetivos a atingir dentro das possibilidades, procedimentos e recursos a serem empregados, tempo de execução e formas de avaliação. O processo e o exercício de planejar referem-se a uma antecipação da prática, de modo a prever e programar as ações e os resultados desejados, constituindo-se numa atividade necessária à tomada de decisões [...] Sem planejamento, a gestão corre ao sabor das circunstâncias, as ações são improvisadas, os resultados não são avaliados.

Para Gandin (1994, p. 41), o planejamento: “[...] consiste exatamente no processo de explicar a realidade desejada e de construir (transformar) a realidade existente tendo como rumo aquela realidade desejada. O planejamento é, justamente, a inteligência que dá eficácia a este processo.” Na visão de Padilha (2001, p. 45), planejamento é:

[...] atividade intrínseca à educação por suas características básicas de evitar o improviso, prever o futuro, de estabelecer caminhos que podem nortear mais apropriadamente a execução da ação educativa, especialmente quando garantida a socialização do ato de planejar, que deve prever o acompanhamento e a avaliação da própria ação.

No pensar de Vasconcellos (1999, p. 35):

Planejar é antecipar mentalmente uma ação a ser realizada e agir de acordo com o previsto; é buscar fazer algo incrível, essencialmente humano: o real ser comandado pelo ideal. De que pressuposto – normalmente implícito – parte-se quando se planeja?

- Planejar ajuda a concretizar aquilo que se almeja (relação Teoria-Prática);

- Aquele algo que planejamos é possível acontecer; podemos, em certa medida, interferir na realidade.

Ressignificar o planejamento para o sujeito implica resgatar sua necessidade e possibilidade, em dois níveis: um mais geral e outro específico da atividade de planejar.

As definições permitem-nos constatar que todas caminham em uma direção determinada, somente com palavras diferentes. Para esses autores, o planejamento é visto como forma de prever o futuro e evitar fracassos possíveis que podem vir a acontecer, também colocam a importância de planejar como suporte para avaliação, pois sem o planejamento não sabemos quais os objetivos que foram alcançados e fica impossível realizar uma avaliação.

Um aspecto importante a considerar é que, para Libâneo (2001), o planejamento atende às funções, diagnósticos e análise da realidade de escola, definição de objetivos e metas e determinação de atividades e tarefas a ser desenvolvidas. Já Gandin (1994) acredita que a concepção de planejamento mais propícia e adequada é aquela que o considera como metodologia científica para construir a realidade. Se pensarmos o planejamento como processo para tomar decisões ou o modo de como uma administração organiza uma instituição, este se empobrece e torna-se um meio de burocracia, tornando-se inútil e até prejudicial.

Padilha (2001) ressalta que as teorias de planejamento educacional estão ligadas às teorias de administração, pois cada instituição educacional tem seu

modo de planejamento, e isso está ligado às diferentes teorias da administração, colocando em seu texto as várias formas de administrar, podendo a educação se fundamentar nestas. Pensando nas relações entre administração e educação, Teixeira afirma que “[...] existe um certo paralelismo entre a administração e a pedagogia na medida em que tanto as teorias pedagógicas como as administrativas fundamentam-se nos mesmos pressupostos, ou seja, na mesma concepção de homem, de sociedade e de organização.” (PADILHA, 2001, p. 45).

Na visão de Vasconcellos (1999), o planejamento fundamenta-se na necessidade de mudança, pois planejar é antecipar uma ação para realizá-la com êxito, sendo muito importante e eficaz a mudança por parte do educador. “Este pressuposto – a percepção da necessidade de mudança – é da maior importância, pois quem está ‘morto’, quem não está querendo nada com nada, quem não quer mudar, obviamente não sente necessidade de planejar.” (VASCONCELLOS, 1999, p. 38).

Não basta saber os diferentes conceitos de planejamento e as concepções de cada autor sobre o assunto, precisamos entender quais são as formas de planejamento que existem no espaço escolar, como ocorre esse planejamento, por meio de quais ações.

A base do planejamento é o Projeto Político Pedagógico (comumente denominado PPP). Esse é o documento primordial da escola, do qual saem todas as outras formas de planejamento.

O Projeto Político Pedagógico (ou Projeto Educativo) é o plano global da instituição. Pode ser entendido como a sistematização, nunca definitiva, de um processo de Planejamento Participativo, que se aperfeiçoa e se concretiza na caminhada, que define claramente o tipo de ação educativa que se quer realizar. É um elemento de organização e integração da atividade prática da instituição neste processo de transformação. (VASCONCELLOS, 1999, p. 169).

A importância do Projeto Político Pedagógico acontece em virtude da programação e elaboração de uma proposta, de pensar um determinado fim que se quer alcançar; por meio dele, os educadores, sentindo as necessidades da escola, estarão projetando e organizando os meios que esta utilizará para se sustentar durante o ano, para, ao final deste, levantar os dados e avaliar os objetivos que foram alcançados e os que não foram possíveis realizar.

O desejo de planejar pode surgir de diferentes pessoas ligadas ao meio escolar: direção, coordenação, pais dos educandos e, até mesmo, os próprios educandos, as pessoas que fazem acontecer a escola, e os mesmos que sentirão a necessidade de planejamento para a melhoria da escola. O grupo todo tem de estar ciente quanto à necessidade do projeto. Com isso, define-se o nível de abrangência, a participação dos sujeitos da comunidade educativa, a forma e a complexidade que o projeto irá tomar. Fica importante determinar um tempo de início e término para elaboração do planejamento e definir uma equipe de coordenação para elaboração e liderança.

O projeto deve ser iniciado quando a escola sentir a necessidade de programação, de maior participação da comunidade e envolvimento, perceber e tiver vontade de fazer uma educação democrática. Todavia, a escola não pode esperar essa vontade acontecer, o PPP deve ser feito e seguido, o que fará com que a escola, a cada dia, melhore sua aprendizagem e sinta sua necessidade e importância. Segundo Vasconcellos (1999), o Projeto Educativo não é algo que se coloca como um “a mais” para a escola, como um rol de preocupação que remete para fora dela, para questões “estratosféricas”. É uma metodologia de trabalho que possibilita ressignificar a ação de todos os agentes da escola.

Falamos do Projeto Político Pedagógico, mas há o Projeto de ensino-aprendizagem ou Plano de Ensino da escola, que também é uma forma de planejamento.

É uma práxis determinada, considerada e suas ligações com o real, na definição concretizada de seus objetivos, na especificação de suas mediações. É a intenção de uma transformação do real, guiada por uma representação do sentido desta transformação, levando em consideração as condições reais e animando uma atividade. (VASCONCELLOS, 1999, p. 97).

Esse autor também diz que o PPP diz respeito ao plano global da escola e o Plano de Ensino corresponde ao plano didático. Para conseguirmos refletir um pouco mais sobre o plano de ensino, buscamos em Padilha (2001, p. 33) a concepção de Planejamento de ensino: “[...] é o processo que envolve a atuação concreta dos educadores no cotidiano do seu trabalho pedagógico, envolvendo todas as suas ações e situações, o tempo todo, envolvendo a permanente interação entre os educadores e entre os próprios educandos.”

Outra forma de planejamento escolar que não podemos deixar de citar é o currículo escolar, o qual planeja de forma sistemática e global toda a ação escolar. O plano curricular “[...] define e expressa a filosofia de ação da escola, seus objetivos e toda a dinâmica escolar, os quais fundamentam-se, naturalmente, na filosofia da educação, expressa nos planos nacional e estadual. A partir dele, é planejada, de maneira sistemática e global a ação escolar.” (PADILHA, 2001, p. 37).

É no plano curricular que a escola planeja as formas de colocar em ação as atividades da escola; constam os fundamentos da disciplina, as áreas de estudo, os desafios pedagógicos, encaminhamentos metodológicos, propostas de conteúdos, a previsão da vida escolar dos educandos e os processos de avaliação. É um guia para todo o corpo docente da escola; uma forma de planejar o futuro e programar as atividades.

#### **4 PLANEJAMENTO E FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA**

Depois de apresentarmos os argumentos em favor da necessidade de planejamento no ambiente escolar, queremos situar sua interação com a cidadania. Isso se concretiza quando o sujeito efetivamente assume uma condição que Bueno (2000) define como: qualidade ou nacionalidade de cidadão, ambiente da cidade, indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado.

Trazendo esse conceito para o planejamento escolar, temos a visão de que todo cidadão tem o direito à educação e o de participar do planejamento da escola, visando a um planejar para as necessidades dos cidadãos que fazem parte de uma determinada comunidade escolar. E quem são esses cidadãos? Os educandos, seus pais, os educadores, os funcionários da escola e toda a sociedade onde a escola está inserida.

Quando falamos em educação em uma perspectiva de cidadania, perguntamo-nos como englobar as duas, a fim de termos boa organização no ambiente escolar, ou melhor, que tipo de educação seria essa. A educação voltada para a formação do cidadão, preocupada em entregar à sociedade pessoas preparadas para assumir suas obrigações civis, sociais e políticas, de forma transparente e nos parâmetros da lei, ou seja, para a escola trabalhar com uma visão de cidadania é

crucial, isso porque cidadãos formados e instruídos são sinônimo de uma sociedade desenvolvida e preparada para o desenvolvimento humano e tecnológico.

Não basta a escola somente preparar cidadãos bem instruídos para a sociedade, precisa também desenvolver valores que são importantes para o bom andamento desta, sendo a ética o princípio de tudo. Todo ser necessita, para viver em harmonia com os outros seres, ser um indivíduo ético, pois ela é o fundamento para uma sociedade justa e igualitária, sem corrupções e desigualdades. Gentili e Alencar (2001, p. 76) confirmam a ideia: “Assim, pensar na educação da cidadania significa pensar em valores, normas e direitos (não apenas legais, senão também morais) que configuram a práxis cidadã e que, indissolúvelmente, devem constituir a práxis educativa.”

Como podemos englobar dentro do planejamento escolar uma forma de desenvolver a cidadania dos sujeitos? O gestor educador precisa, antes de qualquer ação, estar informado e ciente sobre a realidade dos seus educandos, saber como é a sociedade em que estes vivem e como esta se encontra organizada, quais são os meios de subsistência de seus familiares e quais as necessidades enfrentadas por todos. Esse é o primeiro passo para se elaborar um planejamento com uma visão democrática e de cidadania.

Quando falamos que é necessário conhecer a realidade do educando, falamos em um gestor que oportunize aos pais acesso à escola, conhecimento do cotidiano de cada um, elaboração de pesquisas e pequenos projetos que possam envolver estes no espaço educacional. Dessa forma, o gestor e seus educadores estarão em contato direto com os pais, poderão saber o que pensam, como é o funcionamento de suas vidas e, a partir disso, elaborar o planejamento, este voltado às necessidades dos educandos e de sua família; parte do princípio de uma educação, com a visão de formar pessoas para exercer seus direitos de cidadãos, mostrar a estas como viver a partir de suas realidades, dentro dos parâmetros da ética.

A educação voltada para a cidadania está garantida pela LDB 9.394/96, nos artigos 14 e 15:

Art. 14. Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I – participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II – participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

Art. 15. Os sistemas de ensino assegurarão às unidades escolares públicas de educação básica que os integram progressivos graus de autonomia pedagógica e administração e de gestão financeira, observadas as normas gerais de direito financeiro público. (LUCE; MEDEIROS, 2006, p. 36-37).

Uma das razões para o planejamento existir é a visão de formar cidadãos preparados para sua inserção na sociedade. Luce e Medeiros (2006, p. 67) posicionam-se sobre o assunto:

Quero iniciar levantando a seguinte questão: por que construir projeto político-pedagógico? Quem quer apenas manter a estrutura e a cultura escolares intactas não necessita de projeto e muito menos de um projeto político-pedagógico. Quem precisa de projeto é quem tem algo a construir que seja diferente da mera manutenção do *status quo*. Precisa de projeto quem quer interferir nas práticas escolares e para isso precisa saber onde quer chegar e onde está.

Quando chegarmos ao patamar da educação democrática, quando esta for vista com olhos do coletivo e valorizada pelo poder de mudança que possui, estarão sendo elaborados planejamentos como nunca antes visto; também, as escolas públicas serão olhadas de forma diferente, valorizadas pela sociedade e não criticadas como na maioria dos casos, e, principalmente, os educadores serão valorizados por um ângulo diferente e mais gratificante.

O planejamento participativo motiva-nos ainda mais, pois tem grande potencial de transformação e pode fazer acontecer a educação sonhada por todos. A revista *Em Aberto* traz uma abordagem muito importante sobre o planejamento participativo e complementa as palavras e as colocações do estudo. Conforme Kosik (1976, p. 18):

[...] a realidade pode ser mudada só porque e só na medida que nós mesmos a produzimos, e na medida que saibamos que é produzida por nós. Tal compreensão é o fundamento da gestão

democrática, que pressupõe a ideia de participação, isto é, do trabalho associado de pessoas, analisando situações, decidindo sobre o seu encaminhamento e agindo sobre elas, em conjunto. Desse trabalho compartilhado, orientado por uma vontade coletiva, cria-se um processo de construção de uma escola competente compromissada com a sociedade.

Não basta somente valorizar e estudar o planejamento participativo, este precisa, acima de tudo, ser colocado em prática. Observamos que são encontradas grandes dificuldades nas escolas em razão das desigualdades sociais, da falta de estrutura familiar, das poucas condições de vida com grande escassez de alimentação, vestimenta e, até mesmo, com condições precárias de moradia. O planejamento participativo não é necessário apenas nessas escolas, nas quais a realidade dos educandos é voltada para uma classe pobre, ele também é necessário nas escolas em que existem educandos com uma família bem-estruturada e com meios sociais adequados. Planejar a partir da realidade e com o conhecimento dos sujeitos da escola é trabalhar para a diferença, para a mudança em prol da inserção destes na sociedade da qual fazem parte, com boas condições de desempenhar um papel dentro dos modelos exigidos por todos. A exclusão não ocorre somente por meios econômicos, mas de outras formas, como cor, língua, etc.

Pensar o planejamento participativo é muito mais complicado do que qualquer forma de planejamento, mas este, quando percebido como necessário e fundamental, torna-se a melhor forma de fazer educação, tanto para o gestor da escola quanto para os educadores que estão em contato direto com os educandos em sala de aula. Quando pensarmos o que fazer com aquele educando que tem vários problemas no ambiente escolar, que não consegue acompanhar seus colegas, será mais fácil ajudá-lo se conhecermos sua realidade, quais são os problemas que o levam a agir de tal forma.

As palavras de Gandin (1994) são sábias e nos auxiliam para a compreensão do real significado do planejamento participativo, sua interseção com todos os campos do planejamento, relacionando a escola e a política, a sociedade e a qualidade de ensino e elucidando a intenção de preparar nossos educandos para serem cidadãos inseridos na sociedade dentro dos moldes éticos exigidos para um cidadão respeitado e responsável com o meio onde vive.

[...] o planejamento participativo, enquanto instrumento e metodologia, isto é, enquanto processo técnico, abre espaços especiais para a questão política. As questões da qualidade, da missão e, obviamente, da participação são especialmente valorizadas. Mais do que isto, assumem um caráter de proposta de futuro para a instituição que se planeja, onde estão contidos um ideal do campo de ação, da instituição. No que ele tem de modelo, além da metodologia participativa, este esquema alcançou integrar, na prática, o operacional e o estratégico, organizando-os num todo que se constitui no que Paulo Freire chama de processo da ação-reflexão. (GANDIN, 1994, p. 29).

As palavras da citação expressam a convicção de que planejar é necessário, reforçaríamos como extremamente necessário, porém deve ser na perspectiva da abrangência da comunidade escolar como um todo. Esse feito sem a participação do povo, da sociedade e do corpo docente e discente da escola não tem legitimidade e nem grandes resultados; fica à mercê de ser mais um trabalho realizado pelas exigências legais, burocráticas, sem valor efetivo para transformar a prática cotidiana de nossas escolas.

## 5 CONCLUSÃO

Quando falamos em educação fica difícil não relacioná-la ao planejamento, ou melhor, fica difícil pensar a educação sem planejamento. A realidade escolar é tão preocupante na atualidade que precisamos, como educadores, prepararmos para enfrentarmos todos os possíveis problemas que virão no nosso dia a dia. As dificuldades serão de natureza complexa e de graus diversificados, pois cada educando, cada escola, cada colega educador tem formas diferentes de pensar, agir e realizar suas ações, e é a partir dessas individualidades que precisamos nos planejar para realizar um trabalho de qualidade com as diferentes pessoas e em distintos lugares.

O planejamento é a base de nossas vidas, é ele que permite nos programarmos para novas atitudes, quando e como devemos concretizá-las. Planejar é algo fundamental e necessário na vida do ser humano, na escola, em casa, em

diferentes ambientes de trabalho. Ele não está limitado ao espaço escolar. Essa é a forma que precisamos e necessitamos para organizar nossas vidas e tentar prever o futuro da maneira desejada. Muito mais imprescindível para a escola, que recebe diferentes individualidades, com interesses diversos e precisa trabalhar na perspectiva do bem comum.

O planejamento deve ser coletivo e democrático, pouco adianta planejar se não é para sanar dificuldades de nossos educandos. Ele existe na vida dos seres para fazer a diferença, para transformar, mudar, para podermos nos programar e realizar o que planejamos de acordo com nossas necessidades.

A escola é o lugar onde preparamos gente para crescer, tornarem-se mais humanos, assumirem seu papel de cidadãos; se esta não estiver planejada e organizada para esse fim teremos cada dia mais jovens e adultos sem objetivos, despreparados para a vida e para a sociedade em que vivem.

### ***School actions planing under the perspective of citizenship construction***

#### *Abstract*

*This article aims to reflect upon the importance of school planing, showing concepts, different forms of planing and the need of the participative planing for the school. To accomplish that, we searched the theoretical background in books of great authors, such as Vasconcelos, Gandin, Padilha, among others, who are really important in the educational research. The text approaches, at first, school planing and how it is used nowadays, aiming to present the importance of the educator manager. Then, planing concepts under the view of different authors are presented, and its existencial forms in the school environment; not leaving aside a brief historical view about the origins of planing. Next, there is an approach regarding planing and citizenship, explicitating the importance of associating school and society, working from the students' reality and accomplishing improvements in their lives inside the school, family and society. As a final reflection of this theoretical production is the need to plan in the school environment for a better organization and structure of the educators, thus developing an equal and fair education for all, forming fair and honest citizens.*

*Keywords: Planing. Educator manager. Citizenship.*

## Nota explicativa

<sup>1</sup> Esses depoimentos foram encontrados na obra de Vasconcellos (1999).

## REFERÊNCIAS

BUENO, Silveira. **Dicionário escolar Silveira Bueno**. São Paulo: Ediouro, 2000.

GANDIN, Danilo. **A prática do planejamento participativo**: na educação e em outras instituições, grupos e movimentos dos campos cultural, social, político, religioso e governamental. Petrópolis: Vozes, 1994.

GENTIL, P.; ALENCAR, Chico. **Educar na esperança em tempos de desencanto**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2001.

LUCE, Maria Beatriz; MEDEIROS, Isabel P. de. **Gestão democrática**: concepções e vivências. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2006.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. Campinas: Papirus, 2007.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. **Gestão democrática da educação**: desafios contemporâneos. Petrópolis: Vozes, 1997.

PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento dialógico**: como construir o projeto político pedagógico da escola. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **A pedagogia na escola da diferenças**: fragmentos de uma sociologia do fracasso. Porto Alegre: Artmed, 2001.

REVISTA EM ABERTO. Brasília, DF, v. 17, jun. 2000.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento**: Projeto de ensino aprendizagem e Projeto Político Pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização. São Paulo: Libertad, 1999.

Recebido em 29 de julho de 2008

Aceito em 17 de dezembro de 2009

